

A natureza americana, a ciência e a paisagem oriental em narrativas de viagens do século XVIII

American nature, science and oriental landscape
in 18th century travelogues

Vera Chacham¹

Resumo

Ao longo do século XVIII as narrativas de viagem ao Oriente e à América serão dominadas pelo olhar naturalista, que busca incluir a paisagem natural e humana em categorias prévias, em uma forma de percepção e descrição que procura ser objetiva. Contudo a importância do olhar científico na construção da paisagem e da imagem americana será mais profundo e duradouro.

Palavras-chave: natureza americana, América, história natural

Abstract

During the 18th century travel narratives to the Orient and America were dominated by the naturalistic view, which sought to include the natural and human landscape in previous categories, using of a perception and description that ambitioned to be objective. However, the importance of the scientific view in the construction of the American landscape and image was deeper and lasting.

Key-words: american nature, Humboldt, natural history

É possível dizer que a América foi, desde o *começo*, relacionada ao mundo natural, anterior à história e à cultura, assim como o *Oriente* sempre foi fonte de um imaginário de tudo o que era oposto ao Ocidente, sobretudo através do *locus* do maravilhoso. Contudo, quando se examinam as narrativas de viagem à América e ao Oriente dos séculos XVII e mesmo XVIII, pode-se perceber certa confluência na descrição de mundos tão diferentes: o discurso racionalista, domi-

¹ Doutora em Literatura Comparada FALE/UFMG. Este artigo é uma versão de parte do capítulo 2 da tese de doutoramento *A presença da imaginação histórica na narrativa de viagens: Oriente, Brasil, século XIX* (agosto de 2002), para cuja pesquisa contei com o apoio financeiro da CAPES.

nante então nas narrativas de viagem, ocupa-se em homogeneizar paisagens que, dessa forma, revelam-se bem pouco exóticas.

Propõe-se, neste artigo, buscar compreender em que medida o olhar científico influencia na visão e descrição da natureza americana e mesmo da cidade americana, de forma que ambas as "paisagens" aparecem como isentas de cultura. Pois se a identificação da América com a natureza não é totalmente nova, ela será, ao longo dos séculos XVIII e XIX, aprofundada pelo olhar científico, que faz da natureza um objeto à parte, isento de discurso e valores, limpo da presença humana e divina.

É verdade que, em certo sentido, o mundo será "unificado" pelo estudo da natureza, isto é, este olhar objetivo e racional não se detém na América, pois também o Oriente é objeto deste e de outros tipos de interferência científica. Contudo, ainda no século XVIII, outros olhares, mais sensíveis à presença humana, poderão interferir na descrição das paisagens orientais. Já no que diz respeito à América, acreditamos que, mesmo com a transformação profunda da abordagem naturalista da paisagem sul-americana no começo do século XIX, a partir de Humboldt, a América continuará a ser identificada com a natureza, distante ainda da cultura e da história.

No século XVIII, a natureza, em particular a americana, está longe do paraíso. A natureza selvagem, em si, produzia mais medo do que deslumbramento: nas narrativas de viajantes na América do Norte no começo do século XVIII a imagem da natureza é quase oposta à que encontraremos um século depois, com Chateaubriand e Humboldt. Os viajantes missionários do fim do século XVII e princípio do século XVIII constataam, antes de mais nada, a imensidão do continente norte-americano. Esta imensidão é percebida, na maior parte das vezes, de forma negativa, pois a ela se associam as imagens de distância e de deserto, obstáculos a qualquer projeto político e econômico. Já o desconhecimento da topografia, da hidrografia e da vegetação americanas, assim como a ausência de rotas, torna o espaço americano, para o viajante europeu, um imenso labirinto.² Não há

² Cf. ROELENS, Maurice. L'Expérience de l'espace américain dans le récit de voyage entre La Hontan et Charlevoix. In: CONGRÈS INTERNATIONAL SUR LE SIÈCLE DES LUMIÈRES. *Transactions of the Fourth international congress on the Enlightenment V. Studies on Voltaire and the eighteenth century*, Oxford, v.155, 1861-1895, 1976. p.1864-1866.

referências espaciais, nem sinais de civilização, e mesmo de presença humana:

Les voyages qu'on fait en ce pays-ci ne doivent pas se comparer à ceux que vous faites en Europe. Vous trouvez de temps en temps des bourgs et des villages, des maisons pour vous retirer, des ponts ou des bateaux pour passer les rivières, des sentiers battus qui vous conduisent à votre terme, des personnes qui vous remettent dans le droit chemin, si vous vous égarez. Ici rien de tout cela: nous avons marché pendant douze jours sans rencontrer une seule âme.³

Em viajantes como Lahontan e Charlevoix, posteriores aos missionários, a onipresença da *floresta*, por sua vez, possui um sentido duplo: de um lado, representa um potencial de riquezas para a colonização e de outro uma *ameaça*, não-somente porque é concretamente indomável e imprevisível mas porque representa o modo de vida selvagem, a negação da civilização.

Embora o exemplo acima trate de viagens ao norte, podemos dizer que a impressão causada pela natureza do sul não é tão diferente. Mesmo um século depois ou mais, encontramos vários dos *topoi* utilizados acima em narrativas de viajantes franceses no Brasil, e sobretudo em Minas Gerais: a ausência de homens e referências espaciais, a inexistência de estradas assim como cidades, *topoi* que podem ser atribuídos à existência de grandes espaços não colonizados, mas também aos valores e padrões de civilização européia.

Também a percepção estética dos viajantes tendia, nas descrições da América, a distanciar-se daquele espaço labiríntico e ameaçador, daquele imenso caos. O belo não poderia estar inserido na natureza selvagem (ou em outro tipo de caos, mesmo urbano), e exigiria por isso um distanciamento panorâmico. No século XVIII, a admiração e o gosto pela natureza exerciam-se sobretudo no sentido do campo, do jardim, da natureza domada e adornada pela cultura.⁴

³ Apud. *ibidem*. p.1866-67.

⁴ Sobre esta impossibilidade de contemplar a natureza selvagem ver: TUAN, Yi-fu. *Topofilia*. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980. p.120-128.

A natureza selvagem permite, portanto, apenas um olhar ordenador, não um olhar contemplativo: esta natureza desordenada será um campo privilegiado do olhar do naturalista, que se proporá a dar uma ordem ao caos por meio da razão científica. O interesse dos naturalistas do século XVIII pela natureza exótica dá-se assim em um sentido preciso, na verdade bem pouco *exótico*, pois, ao invés de buscar a diferença, trata-se ao contrário de enquadrar essa natureza em categorias gerais, universais.

Já no começo do século XVIII, antes mesmo das grandes viagens de naturalistas, a natureza sul-americana parece ser mais objeto de uma visão detalhada e compartimentalizada do que de contemplação. Nas narrativas dos naturalistas Feuillée e Frézier, por exemplo, que seguiram as rotas de comércio das costas do Brasil, Rio da Prata, estreito de Magellan, portos do Chile e do Peru, quase não há referência à paisagem americana: “La nature est *observée à la loupe mais non encore contemplée*.⁵ A apreensão da natureza sul-americana, assim como antes da floresta norte-americana, está longe da importância e da beleza que a natureza americana irá adquirir a partir de Humboldt.

Contudo, a categorização da natureza aparece de forma bem acabada somente a partir da publicação do *Systema Naturae*, de Lineu (1735), que busca classificar todas as formas de plantas do planeta de acordo com suas partes reprodutivas. Este grande sistema taxonômico permite uma mundialização do conhecimento da natureza, que caminha junto às expedições comerciais e de exploração, colaborando para uma nova “consciência planetária” das elites européias.⁶ Não é por acaso que, a partir da segunda metade do século XVIII, mesmo quando a expedição não é prioritariamente científica, o papel do naturalista e da ciência natural será fundamental: haverá sempre um naturalista a bordo, para garantir a imagem pacífica e desinteressada da expedição.

⁵ DUVIOLS, Jean-Paul. *Voyageurs français em Amérique (colonies espagnoles et portugaises)*. Paris: Bordas, 1978. p.19-20.

⁶ Sobre a taxonomia de Lineu e sua associação com o moderno eurocentrismo ver: PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992. p. 24.

Estas viagens instituem, além de uma ordem universal na natureza, uma classificação do mundo que sobreviverá aos séculos XVIII e XIX: a intervenção dos discípulos de Lineu da África à Ásia, da América do Sul à do Norte, estabelece uma clara distinção entre trabalho intelectual – europeu – e trabalho manual – americano, asiático e africano. Será a viagem do naturalista e todo o mundo não-europeu será o seu objeto. A Europa é o sujeito e a América, no caso, torna-se claramente objeto.

A busca de uma ordem não se limita, tampouco, à história natural, à catalogação e à classificação de espécies da flora e fauna, mas também ao homem e à sociedade. À medida que para os viajantes, no século XVIII, toda a paisagem se apresenta como um caos ao qual se deve dar ordem e não significado, também nas descrições das cidades os viajantes atêm-se freqüentemente a um inventário dos lugares importantes.⁷ Tal inventário obedece essencialmente a quatro variáveis (forma, número, grandeza e disposição) que se apresentam à vista, sendo que os outros sentidos não desempenham praticamente nenhum papel nas descrições, que não manifestam nenhum contato íntimo do observador com o objeto.⁸ Mas mesmo o uso da visão é restrito, ao passo que, em grande parte, a descrição da cidade resume-se a um guia que se limita a seguir o plano da cidade, que já existe, muitas vezes sem conhecer de fato o lugar. As descrições resultantes são, assim, uniformizadoras, isto é, as cidades perdem sua “substância”, pois o que pode diferenciá-las é colocado à margem. Assim, cidades como Boston, Rio de Janeiro, Montreal ou Lima são qualificadas de forma esquemática, segundo possuem ou não casas bem construídas, ruas retas, etc: “Les descriptions mènent à un schématisme qui ressemble à une vue de l’esprit, voire l’esprit de géométrie: est beau ce qui est regulier car aisément intelligible”.⁹

Mas essa visão esquemática, que parece tão presente nas descrições das cidades americanas, poderia ser parte da visão do Oriente, tão histórico e tão maravilhoso?

⁷ Cf. BERTHIAUME, Pierre. *L’aventure américaine au XVIIIe siècle. Du voyage à l’écriture*. Ottawa/Paris/ Londres: Les Presses de l’Université d’Ottawa, 1990. p. 337.

⁸ Ibidem. p. 338.

⁹ BERTHIAUME. *L’aventure américaine au XVIIIe siècle. Du voyage à l’écriture*, p. 345.

Com efeito, antes de mais nada é preciso dizer que a investigação científica naturalista tem lugar – e não um lugar secundário – também no Oriente: a característica dessa nova ciência natural, do olhar que ela ajuda a construir é exatamente o caráter universal. Não é pouco significativo que o estudo dos fósseis tenha tido início no Oriente, assim como o fato de que, já em 1808, G. Boucher de la Richarderie tenha escrito na sua *Bibliothèque Universelle des Voyages* que só poderemos fazer excursões úteis ao Oriente se estivermos nos ocupando de história natural.¹⁰

Mesmo no que se refere especificamente às descrições de cidades, pode-se encontrar um tipo semelhante de descrição à encontrada na América, pautada pela geometria e pelos padrões de beleza e da ordem europeus. É o caso da narrativa que Jean Coppin fez da sua viagem ao Cairo ainda na primeira metade do século XVII; nela há uma descrição perfeitamente cartesiana daquela cidade labiríntica:

Mais, pour estimer cette Ville, il ne la faudrait pas considérer d'une hauteur voisine & n'y jamais entrer, car les rues au dedans sont confuses, sans niveau et sans proportion; hormis la grande & trois autres que j'ay remarquées, toutes en général sont courtes & étroites; il n'y en a pas une de pavées, & les boutiques qu'on y voit sont basses & obscures. Les maisons sans symétrie & sans embellissement au dehors n'ont que peu de fenêtres sur les rues, parce qu'elles prennent autant qu'il est possible le jour par le dedans (...)¹¹

Embora seja uma narrativa do século XVII, anterior à categorização trazida pela história natural, pode-se perceber que a descrição qualifica de forma bastante esquemática a paisagem, e que, sobretudo, os padrões de ordem e beleza são totalmente europeus. É interessante notar, nesse sentido, que, embora se possa encontrar na narrativa citada várias das características – e *topoi* – que

¹⁰ Cf. NOUTY, Hassan el. *Le Proche-Orient dans la littérature française, de Nerval à Barrès*, Paris: Nizet, 1958. p.9.

¹¹ COPPIN, Jean. *Voyages en Égypte. 1638-1639, 1643-1646. Présentation et notes de Serge Sauneron*. Le Caire: Institut Français d'Archéologie Orientale, 1971. p.183.

definem a cidade oriental um ou dois séculos depois – falta de simetria, iluminação, calçamento –, elas situam-se fora de um discurso exótico, assim como o olhar do viajante se detém no panorama, sem misturar-se ao caos das ruas.

Tanto no século XVII como no século XVIII a paisagem oriental descrita pelos viajantes é, como a americana, isenta de exotismo, de qualidades distintivas, de imagens e presenças que não podem ser enquadradas nos ideais da ciência e da razão ocidentais. Há uma recusa do exótico, considerado como “aparência” e empecilho a tornar todas as suas impressões objetivas.¹² A presença humana está quase sempre ausente dessas descrições.

A busca de um discurso objetivo encontra-se também na modernização da tradição orientalista. Até meados do século XVIII o orientalismo dizia respeito a traduções, e os orientalistas, diz Said, “eram estudiosos bíblicos, estudantes de idiomas semíticos, especialistas islâmicos ou, visto que os jesuítas tinham aberto o novo estudo da China, sinólogos”.¹³ Já em meados do século XVIII, o estudo das línguas vê-se apropriado, em parte, pela filologia, uma visão mais histórica (e aplicada) do conhecimento sobre o Oriente. Novos métodos, divisões disciplinares e termos científicos instauram-se, ou sobrepõem-se ao orientalismo tradicional.

Com os exemplos acima pretendi mostrar que a paisagem oriental não é sempre, ou necessariamente, exótica e antiga, devido à tradição do maravilhoso medieval ou ao então recente maravilhoso das “Mil e uma noites”. Isto é: uma cidade oriental e uma americana podem tornar-se semelhantes, se assim deseja o “olhar”. E o olhar científico também domina, até certo ponto, o Oriente.

Mas, paralelamente ao desenvolvimento das bases do chamado orientalismo científico e, sobretudo, à descrição científica do Oriente e da *paisagem* oriental, começa a vir à tona uma imagem menos sujeita a categorias científicas, que se encontra nas ilustrações de

¹² Sobre os motivos da ausência do exotismo ver: BRAHIMI, Denise. Exotisme, science et idéologie. In: CONGRÈS INTERNATIONAL SUR LE SIÈCLE DES LUMIÈRES. *Transactions of the Fourth international congress on the Enlightenment*, I. Studies on Voltaire and the eighteenth century. Oxford, v.151, p. 363-384, 1976.

¹³ SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 1990. p. 61.

viagem. Através dessas imagens podemos perceber a diferença que aos poucos se afirma entre a percepção da paisagem americana e a oriental. Assim como Barbara Stafford, em *Voyage in Substance*, mostra o desenvolvimento, no século XVIII, na narrativa científica e nas ilustrações que a acompanham, de uma paisagem “nua” de cultura,¹⁴ seria possível apontarmos para o ressurgimento desta última nas ilustrações de viagem sobre o Oriente.

Durante todo o século XVIII o Levante, em especial, foi continuamente retratado em narrativas de viagens ilustradas francesas. No começo do século, a ilustração tem como principal objetivo ser científica e ajudar a desenvolver o lado científico da viagem. Assim como na América, a representação das paisagens limita-se quase exclusivamente às cidades mais importantes, como Smyrna, Constantinopla, Damasco, Ankara, Bagdad, Ispahan. Em alguns casos, a representação se reduz a um *plano*, à proporção que a ilustração visa apenas a informação.¹⁵ Mas se no início do século XVIII a presença de preocupações estéticas é rara, assim como a aparição de detalhes humanos singulares, no último terço do século tudo começa a mudar, a começar pela perspectiva através da qual se vê a cidade: “au lieu d’une vue à vol d’oiseau, le paysage est vu à l’hauteur d’homme; même quand il s’agit d’une vue générale, l’artiste choisit des éléments caractéristiques particulièrement représentatifs et ne cherche pas à tout décrire”.¹⁶ Trata-se de produzir um “efeito”. Encontramos aqui um contraste relevante em relação ao que Berthiaume nos dizia sobre a descrição dos viajantes na América na mesma época. Mesmo que de forma raríssima, alguns personagens começam a povoar o espaço urbano levantino em atitudes típicas, como a pesca.¹⁷ Assim, ainda que atendendo à necessidade de produção de um efeito pitoresco, o ingrediente humano entra na paisagem oriental de uma forma inequívoca: “On notera dans la plupart des cas le caractère très amical avec lequel

¹⁴ Cf. STAFFORD, Barbara Maria. *Voyage into substance. Art, Science, Nature and the Illustrated Travel Account, 1760-1840*. Cambridge, Massachusetts, and London, England: The Massachusetts Institut of Technology, 1984.

¹⁵ Cf. JAGER, Patrick. Le pittoresque dans les Voyages au Levant. CONGRÈS INTERNATIONAL DE LUMIÈRES, 1991, Bristol. *Actes du Huitième Congrès International des Lumières*, III. Studies on Voltaire and the eighteenth century, Oxford, v. 305, p.1619-1623, 1992. p.1619.

¹⁶ Ibidem. p.1621.

¹⁷ Ibidem. p.1620.

la population locale est rendue: hommes qui fument paisiblement, femmes qui bavardent, enfants qui jouent. La dynamique sera rendue dans l'expression du mouvement qui anime cette ville (...)"¹⁸

A presença humana nas ilustrações indica que, pelo menos no que diz respeito ao Oriente, as paisagens, urbanas ou não, não estavam tão independentes da cultura. Isso ocorre, naturalmente, devido à existência de uma tradição oriental reconhecida pelo Ocidente, aos vestígios do passado, ao interesse artístico e científico ocidental por este passado. Não ocorre algo semelhante na América, muito embora também ela tenha sido "redescoberta" ao fim do século XVIII.

Somente com Humboldt é que haverá uma valorização e existência específica da natureza americana. A abordagem de Humboldt não é mais aquela praticada pelos naturalistas "classificadores", discípulos de Lineu. Sua natureza é bela e grandiosa, inteira e não compartimentalizada, harmônica, dinâmica, romântica, visto que Humboldt não nega espaço nem às emoções nem à imaginação.¹⁹ Assim, se a América do Sul se reafirma como natureza – e espaço da ciência –, trata-se de uma *outra* natureza e outra ciência: "Not the accessible, collectible, recognizable, categorizable nature of the Linnaeans, however, but a dramatic, extraordinary nature, a spectacle capable of overwhelming human knowledge and understanding."²⁰

Em grande medida essa visão da natureza americana pode ser qualificada, como em Gerbi, de "redescoberta", à medida que o que antes era considerado caótico e inferior transforma-se, a um só tempo, em singular, exuberante e parte integrante de um "cosmos" onde tudo se encontra conectado.²¹ A América não é mais, sob Humboldt, mero fragmento impessoal ou uma natureza inferior, porque nova ou

¹⁸ Ibidem. p.1622.

¹⁹ Sobre o romantismo e sentido estético de Humboldt ver: PARKS, George P. The turn to the romantic in the travel literature of the eighteen century. *Modern Language Quarterly* 25, p. 22-33, march 1964, p. 22-23; MINGUET, Charles. La nature est le règne de la liberté, p. VII. In: HUMBOLDT, Alexander von. *Tableaux de la nature*. Nanterre: Éditions Europeennes Erasmé, 1990. v. 2. p. VII-XII.

²⁰ "Not a nature that sits waiting to be known and possessed, but a nature in motion, powered by life forces many of which are invisible to the human eye; a nature that dwarfs [eclipsa, ultrapassa] humans, commands their being, arouses their passions, defies their powers of perception. No wonder portraits so often depict Humboldt engulfed and miniturized either by nature or by his own library describing it." PRATT, Mary Louise. *Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation*. London and New York: Routledge, 1992, p. 120.

²¹ Cf. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo. História de uma polêmica (1750-1900)*. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 311.

instável. Também tudo o que antes era assustador na natureza ganha harmonia com o naturalista.

Além disso, a visão extremamente estética que Humboldt possui da natureza, um prolongamento necessário de sua ciência, tem na América e em particular “no Brasil” um desenvolvimento cujas implicações foram consideráveis. Pois embora o autor tivesse em alta conta o papel da imaginação na descrição da natureza, no *Kosmos* ele parece querer deixar claro que a pintura de paisagens dos trópicos não era produto da fantasia dos artistas, mas que nascera no Brasil, seu ambiente natural.²² Segundo Jean-Paul Duviols, sua influência deu-se, nesse sentido, não apenas sobre outros naturalistas interessados pela natureza tropical, como Martius e Spix, mas também sobre pintores, como Rugendas²³ e outros que, fascinados pelo exotismo americano, escolheram a América como objeto de suas viagens pitorescas ao longo do século XIX.

Contudo, a revolução humboldiana tem limites, visto que a América continuou a ser identificada prioritariamente com sua natureza – não com o humano e com a cultura. E isso é o que aproxima Humboldt da abordagem dos naturalistas mais tradicionais: “the erasure of the human.” Seguimos aqui a argumentação de Marie Louise Pratt, que se detém especificamente nesse aspecto da obra do naturalista no intuito de demonstrar as formas indiretas do discurso imperial. Na narrativa de Humboldt, nos diz Pratt, encontramos, projetadas na paisagem, no mundo não-humano, utopias sociais, como harmonia e liberdade, mas “the human inhabitants of the llanos are absent. The only “person” mentioned in these “melancholy and sacred solitudes” is the hypothetical and invisible European traveler himself”.²⁴

Em que pese uma visão inovadora e positiva da paisagem americana, à qual são relacionados sentimentos e desejos utópicos, os “traços da história” encontram-se quase ocultos e o homem sul-

²² Cf. ANDRÁ, Helmut. Alexander Von Humboldt e suas relações com o Brasil. *Humboldt*. Revista para o mundo Luso-brasileiro. Ano 4, n. 10, p. 68-74, 1964. p. 74.

²³ Durante o período que se seguiu às independências dos países latino-americanos, pode-se falar, segundo DUVIOLS, de uma verdadeira “escola humboldiana de pintores americanos.” In: DUVIOLS. In: HUMBOLDT, Alexander Von. *Tableaux de la nature*. Nanterre: Éditions Europeennes Erasme, 1990. v. 2, t.II. p. VIII-XVII. p. XIII.

²⁴ PRATT. *Imperial eyes...*, p.125.

americano está ausente da paisagem. A natureza domina a visão de Humboldt.²⁵ Não se pode negar que esta paisagem limpa, ou nua, de cultura é resultado da objetivação da ciência natural no século XVIII e sua influência sobre a visão das paisagens em geral, assim como não se pode dizer que este tipo de recurso – cegueira para a cultura – não ocorra em relação a outros lugares do mundo e “ainda” hoje, pois isso é um traço da especialização e da objetivação científica. O que gostaríamos de salientar, contudo, é a concentração dessas imagens na América e sua migração para outros setores do saber e para lugares da cultura, como a cidade.

Com efeito, na própria obra de Humboldt havia espaço para outros pontos de vista em relação à América do Sul, que se encontram nos *Ensaio Político* do autor como em *Views of the Cordilleras and Monuments of the Indigenous Peoples of America*. Se nos *Ensaio* a América continua a-histórica e sem cultura (apesar de política), nas *Views* há uma busca da história americana, através da arqueologia dos monumentos andinos. É interessante notar que mesmo essa busca da América arqueológica pode ser conectada à naturalização da América. No entender de Pratt, o objetivo de Humboldt era demonstrar a harmonia e a conexão entre a cultura, os monumentos e a natureza: “The harmony results, in this case, from assimilating culture to nature in a way that guarantees the inferior status of indigenous America: the more savage the nature, the more savage the culture.” Talvez Humboldt não tivesse um objetivo tão definido assim, pois sabemos o quanto sua ciência era estética. Acima de tudo, e como Pratt reconhece, na *Views and Monuments*, há um potencial para contradizer a “desistorização” da América.

Contudo, não será esta visão, mais interessada pela cultura sul-americana (ainda que arqueológica, ou fóssil), que será absorvida pela recepção altamente seletiva das obras do autor. Em meio a tanta natureza serão muito poucos os monumentos e os sinais de história,

²⁵ A “invisibilidade” da cultura ou a cegueira para a cultura é ilustrada de forma interessante pela autora através do contraste entre duas representações de (diferentes) montanhas andinas: uma do século XVI, desenhada por um artista indígena andino, retrata claramente a presença da cidade e da cultura, inclusive religiosa, enquanto a desenhada por Humboldt procura identificar e localizar, na montanha “limpa” de qualquer traço cultural (que provavelmente não era), apenas espécies botânicas. Cf. PRATT. *Imperial eyes...*, p.127-128.

como se a exceção mantivesse a regra. E esta regra estará presente sobretudo no Brasil, cuja ausência de monumentos será diversas vezes contrastada com a monumental América andina. Ao longo do século XIX a visão da América do Sul, e especificamente do Brasil, como natureza, dominará a descrição do viajante europeu, naturalista ou não, e, além de influenciar na construção de um "auto-exotismo", que se tornou parte da literatura e da identidade nacional, pode deixar sua marca em narrativas de viagens que tinham por objeto outros aspectos da realidade brasileira, como suas cidades.